



OLIVEIRA, Elisabete R. B. Assexualidade e medicalização na mídia televisiva norte-americana In: VIEIRA. T. R. (org) **Minorias Sexuais: direitos e preconceitos**. 1 ed. Brasília : Editora Consultex, 2012

## Assexualidade e medicalização na mídia televisiva norte-americana

Elisabete Regina Baptista de Oliveira<sup>1</sup>

### Introdução

A falta de desejo sexual tem sido tradicionalmente definida pelas ciências, sobretudo pelas ciências médicas<sup>2</sup>, como um transtorno que necessariamente tem impacto negativo sobre a autorrealização e a felicidade dos indivíduos. A partir do início do século XXI, entretanto, observa-se a discreta emergência de uma nova percepção para falta de desejo sexual. Nessa nova perspectiva, em lugar da patologia, a falta de interesse pelo sexo tem sido associada à orientação do desejo sexual, recebendo o nome de *assexualidade*. A assexualidade seria, portanto, numa definição ainda muito incipiente e geral, a orientação de pessoas que não sentem desejo sexual. O surgimento e a proliferação de comunidades virtuais de assexuais<sup>3</sup> na internet têm conferido certa

---

<sup>1</sup> Pedagoga, Mestre em Sociologia da Educação, doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. E-mail para contato: [elisabete.regina.oliveira@usp.br](mailto:elisabete.regina.oliveira@usp.br)

<sup>2</sup> A Organização Mundial de Saúde - OMS define *saúde* como “estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de enfermidade ou invalidez” (Sá Júnior, 2004, p. 15). Nessa perspectiva, o uso de expressões como *ciências médicas*, *área médica*, entre outras, neste texto não estará restrito às disciplinas tradicionalmente associadas à medicina, mas incluirá outros campos da saúde e bem-estar, como psicologia, sexologia, biologia, farmacologia e outras áreas correlatas.

<sup>3</sup> Nas comunidades virtuais brasileiras, a palavra mais utilizada é *assexuado/a*. Optei pelo uso da palavra *assexual* por ser a palavra já utilizada na literatura internacional sobre o tema. Além disso, como a

visibilidade a esses indivíduos, os quais afirmam não sentir desejo sexual sem que isso lhes cause nenhuma angústia, desconforto ou sofrimento.

Nos Estados Unidos, a criação da AVEN (Asexual Visibility and Education Network), comunidade virtual que reúne pessoas que se identificam como assexuais, não só tem impulsionado a formação de outras comunidades similares em diversos países, mas também tem favorecido a mobilização política dos assexuais, numa cruzada pela visibilidade e aceitação social. Os assexuais norte-americanos membros dessas comunidades reivindicam para sua falta de desejo sexual o *status* de orientação sexual tão legítima como a heterossexualidade, a homossexualidade e a bissexualidade. A justificativa para tal reivindicação baseia-se no fato de que, a exemplo de outras orientações sexuais, a assexualidade - conforme afirmam pessoas que se autoidentificam como assexuais -, não é uma escolha, fazendo parte da identidade do indivíduo. Como parte do esforço para a expansão da visibilidade assexual no país, membros da AVEN participam de programas de televisão norte-americanos para contar suas experiências e para debater sua falta de interesse por sexo com apresentadores, a platéia e terapeutas sexuais convidados para este fim.

O objetivo deste artigo, além o de buscar uma aproximação ao conceito de assexualidade difundido pela AVEN, é registrar o discurso médico que atravessa as falas de terapeutas sexuais convidados a discutir este tema na mídia televisiva norte-americana em 2006 e 2007. Nesse sentido, esta introdução trará algumas reflexões sobre o processo de medicalização da sexualidade - o qual afeta diretamente a assexualidade -, considerando a legitimidade da área médica na produção de conhecimentos sobre sexualidade. Em seguida, será apresentada a AVEN (Asexual Visibility and Education network) - comunidade assexual norte-americana fundada em 2001-, bem como um breve histórico da pesquisa científica sobre assexualidade. A seguir, será feita a apresentação dos programas televisivos norte-americanos que receberam indivíduos assexuais para entrevistas, concluindo com o registro e análise do discurso médico contido nas falas de terapeutas sexuais que falaram sobre a assexualidade nos programas.

---

perspectiva trabalhada é a de orientação sexual, a palavra *assexual* segue a mesma formação de outras palavras que nomeiam outras orientações sexuais, como *heterossexual*, *homossexual* e *bissexual*.

Nas ciências sociais é comum dizer-se que a medicina constitui-se numa das instâncias que mais promove o controle social sobre as vidas dos indivíduos. Nas chamadas sociedades contemporâneas ocidentais, a saúde, campo de domínio da medicina, tem se tornado produto de consumo que viabiliza um lucrativo negócio de tratamentos, terapias e medicamentos. Essa presença ubíqua da medicina na vida social ultrapassa os limites da solução de problemas do corpo biológico, invadindo outros espaços da vida dos indivíduos – entre os quais, a sexualidade -, num processo conhecido como *medicalização*.

Segundo Conrad (1992), *medicalização* descreve o processo através do qual problemas não médicos são definidos em termos médicos, utilizando-se linguagem médica para sua descrição, os conhecimentos médicos para sua compreensão e a intervenção médica para seu tratamento. O autor afirma que o termo emergiu na literatura das ciências sociais nos anos 1970, sendo utilizado para fazer a crítica a esse processo, primeiramente chamando a atenção para a expansão do domínio da psiquiatria. Através da pesquisa e da produção de conhecimentos que afetam diferentes facetas da vida do ser humano, a medicina acaba por estabelecer a normalidade ou anormalidade das condutas sociais, mesmo em aspectos não diretamente relacionados à saúde. A sexualidade é uma das áreas nas quais os conhecimentos produzidos pela medicina tem tido grande impacto na vida de cidadãos e cidadãs comuns.

Estes discursos médicos trazem uma concepção essencialista, biologizante e universalizante da sexualidade. Rubin (1999) destaca que essa abordagem apresenta o sexo como uma força natural, pré-existente à vida social, sendo, nesse sentido, imutável, associal e ahistórico. A autora prossegue afirmando que o estudo acadêmico do sexo, empreendido sobretudo pela psiquiatria e pela psicologia, continua a reproduzir esse essencialismo. Ainda nesta perspectiva, Weeks (2001) lembra que o sexo tem sido enfatizado como um “instinto” que expressa as necessidades fundamentais do corpo, persistindo o pressuposto de que a biologia está na raiz da sexualidade.

Os discursos sobre sexualidade proferidos pelas áreas médicas, muitos deles difundidos pelos meios de comunicação, destacam o sexo como elemento essencial para a boa saúde. Ainda que os riscos inerentes à atividade sexual sejam sempre lembrados - haja vista a epidemia de Aids no início dos anos 1980, que também contribuiu para o avanço da medicina no campo da sexualidade - a ideia de que o sexo promove a saúde

física e psicológica dos indivíduos é fortemente destacada. Para reforçar esses postulados, existe uma numerosa literatura médica que aborda a falta de desejo sexual como um distúrbio, seja por causas psicológicas, hormonais ou fisiológicas, concentrando-se em sua causa, tratamento e cura. Esse discurso ainda é muito forte na nas representações sociais de sexualidade, conforme as falas dos terapeutas sexuais televisivos sobre a assexualidade, analisadas mais adiante neste texto.

Nesse contexto, a falta de desejo sexual, característica principal dos indivíduos que se identificam como assexuais, constituiria um problema médico ou psicológico passível de investigação, terapia e cura. A perspectiva da assexualidade como orientação sexual, ou seja, da falta de desejo sexual como mais uma cor no arco-íris da diversidade sexual humana, suscita o questionamento de postulados históricos produzidos, legitimados e consolidados pela medicina. Para Rohden (2009), a noção de saúde sexual constitui a expressão de um novo discurso normativo sobre o sexo. Nesse novo discurso, a criação das chamadas disfunções sexuais abre as portas para o crescimento da demanda por remédios e terapias que garantam a saúde sexual dos indivíduos. Entre estas disfunções estaria a falta de desejo sexual, premissa negada pelo movimento assexual. Comunidades como a AVEN surgem em diversos países para questionar postulados históricos sobre a sexualidade, principalmente aquele que sustenta que o sexo é essencial na experiência social dos seres humanos.

### **A assexualidade segundo a AVEN – Asexual Visibility and Education Network**

A história ainda desconhecida da assexualidade já pode ser dividida em antes e depois da criação da AVEN<sup>4</sup> (Asexuality Visibility and Education Network), comunidade virtual de assexuais fundada nos Estados Unidos em 2001 pelo jovem assexual David Jay. Entre os objetivos da AVEN está a promoção da visibilidade assexual, bem como o debate público da assexualidade na perspectiva da orientação sexual. Começou como um território de discussão e evoluiu para um espaço de construção de conhecimento sobre assexualidade, a partir do compartilhamento e sistematização de experiências e vivências de seus membros.

---

<sup>4</sup> AVEN – Asexual Visibility and Education Network [www.asexuality.org](http://www.asexuality.org)

Desde sua fundação, a AVEN tornou-se a maior comunidade de assexuais do mundo, contando com mais de 30.000 membros nos Estados Unidos e em outros países. A comunidade possui páginas virtuais em chinês, checo, holandês, finlandês, francês, alemão, hebraico, italiano, espanhol, japonês, polonês, russo e turco, além do original em inglês, constituindo-se como a mais importante referência sobre assexualidade para assexuais, suas famílias e amigos, pesquisadores e a mídia.

A página virtual da comunidade traz explicações gerais sobre a assexualidade, destacando as perguntas frequentes sobre o tema, contendo explicações direcionadas a pais, familiares e amigos de assexuais. Fazem parte da página uma sala de bate-papo, uma loja virtual - que comercializa camisetas, adesivos e bandeiras com mensagens e símbolos da comunidade assexual -, notícias e artigos escritos pelos membros e um regulamento para participação da comunidade. A AVEN disponibiliza um fórum, no qual são feitas todas as discussões entre os membros; este fórum possui alguns recursos semelhantes aos das redes sociais mais populares.

A AVEN define assexuais como “pessoas que não sentem atração sexual”. Esta definição parece estabelecer uma diferença entre *desejo* sexual e *atração* sexual. Para os membros, enquanto o desejo – ou libido, como nomeiam alguns – é a resposta biológica do corpo a estímulos externos, a atração seria o desejo direcionado a uma pessoa. É importante ressaltar que a assexualidade, para a AVEN, é definida somente pela falta de atração sexual, não pelo comportamento sexual, considerando que indivíduos assexuais são perfeitamente capazes de engajar-se em relacionamentos sexuais, ainda que não sintam atração. A AVEN faz questão de deixar claro que assexualidade é diferente de celibato. Enquanto no celibato voluntário há uma decisão consciente do indivíduo em abster-se de relações sexuais, apesar de existir atração, na assexualidade não há esta escolha, pois não há atração sexual a ser reprimida.

Segundo a AVEN, os assexuais constituem uma categoria altamente heterogênea; a única característica comum a todos é o fato de não sentirem atração sexual direcionada a outras pessoas, mas mesmo essa especificidade apresenta nuances diversas. Pessoas que se identificam como assexuais podem experimentar a fase de excitação fisiológica, ereção ou lubrificação vaginal, bem como o orgasmo, mas não atribuem significado sexual a estes fenômenos. Sabe-se que parte dos assexuais pratica

a masturbação, mas sendo esta uma prática autoerótica, não entra em conflito com a definição de assexualidade proposta pela AVEN.

Outra constatação da comunidade, é que muitos assexuais sentem atração romântica por outras pessoas. Nesse sentido, dependendo do sexo biológico ou identidade de gênero do objeto de seu interesse romântico, podem identificar-se como heterorromânticos, homorromânticos, birromânticos ou panromânticos em sua orientação afetiva, adicionalmente à identificação como assexuais. As experiências relatadas na comunidade mostram também que existem assexuais envolvidos em relacionamentos românticos com pessoas não assexuais, surgindo a necessidade de negociação da existência ou frequência da atividade sexual, ou da formação de relacionamentos afetivos não monogâmicos, do ponto de vista sexual. Portanto, a heterogeneidade das experiências e vivências assexuais mostra que a assexualidade não se enquadra em qualquer definição monolítica de padrões de comportamento ou identidades; os assexuais podem ter outras orientações além da orientação sexual (KIM, 2010).

Desde sua criação, a AVEN tem despertado o interesse de pesquisadores provenientes de diversas áreas do conhecimento, os quais buscam aproximação científica com este novo conceito. Os primeiros artigos publicados nos Estados Unidos sobre este tema trazem um forte viés médico e psicológico, concentrando-se em possíveis causas biológicas para a falta de desejo pela atividade sexual (BOGAERT, 2004; BOGAERT, 2006; PRAUSE & GRAHAM, 2007; BOGAERT, 2008; BROTTTO et al., 2010). Mais recentemente, surgem alguns trabalhos provenientes das áreas de ciências sociais (SCHERRER, 2008; BEDLEY, 2009; SCHERRER, 2010; MUNÁRRIZ, 2010; CARRIGAN, 2011). A área interdisciplinar dos estudos feministas também tem contribuído com questões políticas associadas às relações de gênero, as quais podem estar associadas ao reconhecimento da assexualidade como orientação sexual (PRZYBYLO, 2011; KIM, 2011; FAHS, 2010). Para recrutar membros da AVEN para suas investigações, os pesquisadores deverão, em primeiro lugar, obter a autorização dos administradores da comunidade para realizar a pesquisa. As regras para entrevistas com os membros incluem a submissão da descrição da pesquisa para avaliação prévia, apresentação de uma declaração da universidade ou instituição de filiação do pesquisador, bem como a exigência de um termo que garanta o sigilo e a

proteção dos entrevistados. Apesar do crescimento do interesse pela assexualidade no meio acadêmico, as pesquisas ainda são escassas e esparsas.

Por outro lado, a mídia tem sido a grande responsável por trazer a assexualidade ao conhecimento do grande público nos Estados Unidos. O interesse da mídia surgiu a partir do trabalho de divulgação de membros das comunidades assexuais, que promovem diversas ações de visibilidade, como a produção de vídeos, *podcasts*, artigos, a promoção da Semana de Visibilidade Assexual, a realização de encontros e a participação em paradas LGBT. Uma das ações da AVEN tem sido a participação em programas de televisão para falar sobre a assexualidade como orientação sexual. À medida que assexualidade aparece na mídia, tornam-se visíveis também alguns profissionais da sexologia que, em sua maioria, contestam sua existência e legitimidade. Alguns dos discursos biologizantes desses profissionais, convidados a discorrer sobre a assexualidade em programas televisivos nos Estados Unidos, serão analisados na próxima seção.

### **O discurso médico sobre assexualidade na mídia televisiva norte-americana**

O fundador da AVEN, David Jay, bem como outros membros da comunidade, participaram, de janeiro de 2006 a janeiro de 2007, de seis programas de televisão nos Estados Unidos, trazendo informações sobre a assexualidade e contribuindo para a sua visibilidade. Dos seis programas, quatro trouxeram psicólogos clínicos ou terapeutas sexuais para falar sobre a assexualidade ou para debatê-la com os assexuais entrevistados. Todas as terapeutas sexuais convidadas eram mulheres, com exceção de um psicólogo. É importante esclarecer que somente um dos profissionais convidados a falar sobre o tema faz pesquisa sobre a assexualidade; os demais parecem falar a partir de sua experiência clínica no atendimento a pacientes com dificuldades relacionadas ao desejo sexual. A tabela a seguir relaciona informações sobre os programas e seus participantes.

PROGRAMA	REDE	EXIBIÇÃO	DURAÇÃO	ENTREVISTADOS
<b>The View</b>	ABC Daytime	15/01/06	8 min 49 seg	David Jay
<b>20/20</b>	ABC	21/03/06	9 min 34 seg	David Jay, membros da AVEN, pesquisador da assexualidade e terapeuta sexual
<b>The Situation with Tucker Carlson</b>	MSNBC	27/03/06	6 min 44 seg	David Jay
<b>Dayside</b>	Fox News Channel	03/04/06	4 min 41 seg	Casal membro da AVEN e psicóloga
<b>Showbiz Tonight</b>	CNN	05/04/06	9 min 14 seg	David Jay, membros da AVEN e terapeuta sexual
<b>Montel Williams Show</b>	CBS	04/01/07	40 min 18 seg	David Jay, membros da AVEN e terapeuta sexual

*The View* é um programa diurno de entrevistas, transmitido desde 1997 pela ABC Daytime, responsável pela grade diurna da emissora. Comandando por um painel de quatro apresentadoras, as entrevistas são feitas diante de uma platéia predominantemente feminina. O *20/20* é um programa de variedades, no formato de revista, transmitido nas noites de sexta-feira pela rede ABC desde 1978, que tem seu foco em histórias de interesse popular. *The Situation with Tucker Carlson* é um programa de entrevistas transmitido pela MSNBC de 2005 a 2008, no qual o entrevistador conversa com convidados sobre temas polêmicos. O *Dayside* é um programa de entrevistas produzido e transmitido pela Fox News, apresentado por dois repórteres na presença de uma platéia. O *Showbiz Tonight* é um programa de notícias e entretenimento transmitido diariamente desde 2005 pela CNN Headline News. *The Montel William Shows* é um programa de entrevistas, no formato tablóide, no qual o apresentador convida um grupo de pessoas para discutir problemas pessoais ou questões polêmicas, sendo os entrevistados encorajados a debater e resolver suas diferenças diante da câmera. Este tipo de show geralmente conta com a presença de um psicólogo, terapeuta ou psiquiatra que possa dar sua opinião de especialista sobre os problemas discutidos.

Todos os assexuais convidados eram membros da AVEN na data de gravação dos programas, sendo que David Jay, o fundador da comunidade, esteve presente a



cinco dos seis programas realizados. Somente dois programas não contaram com a participação de um terapeuta sexual ou psicólogo. Com exceção do *The View*, todos os demais programas, durante as falas, exibiam imagens de casais heterossexuais aparentemente felizes, passeando de mãos dadas, casais em jantares românticos, beijos apaixonados, carícias na cama, reforçando visualmente a representação do relacionamento sexual (e heterossexual) como normativo nas relações românticas, fazendo um contraponto com a discussão da assexualidade sendo apresentada.

Foram selecionados alguns exemplos de falas<sup>5</sup> de psicólogos e terapeutas sexuais que participaram de quatro dos seis programas. Por meio da análise preliminar dessas falas, é notável como o processo de medicalização da sexualidade, discutido em tópicos anteriores, modela o modo como esses profissionais discorrem sobre a assexualidade. Este breve estudo não esgota as inúmeras possibilidades de análise do material riquíssimo contido nesses vídeos. O objetivo aqui é captar parte do discurso médico essencialista e biologizante sobre a sexualidade, que atravessa as falas dos profissionais.

Em todos os programas, os assexuais entrevistados tiveram a oportunidade de falar sobre o que significa a assexualidade, como vivem sem sexo, como são seus relacionamentos, como organizam seu cotidiano. Já na apresentação do tema ao público, observa-se o estranhamento ao conceito de assexualidade pelos apresentadores e narradores. As falas de abertura dos programas deixam transparecer que a assexualidade está em desacordo com os postulados estabelecidos historicamente sobre a sexualidade normativa. Os apresentadores mostram-se incrédulos diante da possibilidade de uma vida sem sexo, acrescentando o sexo a uma lista de itens indispensáveis a uma existência saudável, juntamente com água e comida. Num dos programas, uma terapeuta sexual apresenta uma definição de assexualidade:

A assexualidade significa não ter desejo, necessidade ou vontade de fazer sexo, nem consigo mesmo, nem com outros. A pessoa não tem vontade, ou desejo, ou fantasias sexuais. Essa parte da vida é inexistente.” (terapeuta sexual, *Showbiz Tonight*)

---

<sup>5</sup>A tradução do inglês das falas apresentadas foi feita por mim a partir dos vídeos dos programas (disponíveis na página virtual da AVEN – Asexuality Visibility and Education Network), tendo a preocupação de resumi-las e organizá-las para facilitar a análise.

Embora esta explicação se aproxime da definição da AVEN, a terapeuta afirma que o assexual não sente vontade de praticar a masturbação, o que ocorre com parte dos assexuais, não todos. Nos fóruns da AVEN existem muitos relatos de assexuais que praticam a masturbação, mas a consideram um fim em si mesmo, e não uma prática que necessariamente deva evoluir para a atividade sexual com parceiro.

No 20/20, a terapeuta sexual convidada enumera possíveis causas para a falta de desejo sexual:

O sexo é uma coisa maravilhosa, um aspecto prazeroso da vida. Dizer que não sente falta é como um daltônico dizer que não sente falta da cor. É claro que não se sente falta de uma coisa que nunca se teve. Pode ser algum problema fisiológico, hormonal, trauma ou abuso, repressão, ou religiosidade que predispõe a pessoa a se fechar para a possibilidade de engajar-se em atividade sexual. (terapeuta sexual, 20/20)

Na opinião desta terapeuta o sexo é inquestionavelmente prazeroso; não é possível que alguém abra mão do sexo, a não ser que exista um problema fisiológico, ou psicológico. A analogia com o daltonismo aponta para uma anomalia, uma falta, um defeito e fabricação. Para ela, não sentir desejo significa necessariamente ser portador de um transtorno médico ou trauma psicológico, que precisa ser tratado e curado. Nesta outra fala, a mesma terapeuta, num diferente programa televisivo, expressa sua preocupação com a autoidentificação assexual:

A sexualidade é muito complexa. Existem tantos elementos, tantos componentes. Colocar-se um rótulo antes de explorar totalmente as outras possibilidades, sem analisar seus sentimentos a partir do ponto de vista neurológico, emocional, fisiológico...[...] Existem muitos fatores que podem fazer com que não sintamos desejo. [terapeuta sexual, *The Montel Williams Show*]

Aqui, a terapeuta fala sobre a necessidade de se explorar outras possibilidades antes da autoidentificação como assexual. Dificilmente um terapeuta sexual diria a um paciente heterossexual, por exemplo, para explorar a homossexualidade ou a bissexualidade antes de se rotular como heterossexual. O mesmo pode ser dito em relação à necessidade, apontada por ela, de um exame “neurológico, emocional e fisiológico”; é pouco provável que estes exames sejam recomendados a heterossexuais, até mesmo a homossexuais e bissexuais nos dias de hoje. Portanto, o que parece incomodar a terapeuta é o fato de ela não acreditar na assexualidade como possibilidade legítima de orientação sexual, a despeito do que dizem os assexuais. De maneira geral, as profissionais convidadas parecem temer esse novo e desconhecido conceito:

Meu medo é que muita gente que vai a essas comunidades e se identifica como assexual esteja apenas procurando uma resposta, quando a verdadeira resposta pode estar na terapia. (terapeuta sexual, *Showbiz Tonight*)

Não há argumentos científicos que apoiem esta ideia, de que a assexualidade é uma orientação sexual. Ainda não sabemos o suficiente. [...] Existem inúmeros diagnósticos que podem ter como sintoma a falta de desejo sexual. (terapeuta sexual, *The Montel Williams Show*)

Novamente, aqui surge a falta de desejo como problema que requer tratamento. Uma das terapeutas acredita que o conceito de assexualidade pode iludir pessoas que precisam de tratamento médico. A outra afirma que a falta de estudos científicos sobre o assunto não permite o reconhecimento da assexualidade como orientação sexual; a falta de desejo deve, primeiramente, ser descartada como sintoma de algum problema médico. Apesar do que dizem os assexuais, as terapeutas parecem acreditar que somente a ciência pode dar um veredito definitivo sobre a assexualidade.

Parece existir uma preocupação por parte destas terapeutas em proteger e defender a importância de sua prática profissional. Se a assexualidade pode ser a resposta para a falta de desejo sexual de parte dos indivíduos, isso pode significar perda de parte do poder dos profissionais da *scientia sexualis*, envolvidos como estão no tratamento e cura das chamadas disfunções sexuais. Outro sinal de preocupação com a perda de poder da sexologia sobre os transtornos sexuais aparece nesta fala, que tenta desqualificar as informações contidas na página eletrônica da AVEN:

[...] O que me incomoda é o nível de desinformação na página virtual da AVEN. [...] Claro que a assexualidade está relacionada com problemas fisiológicos, não mencionados na página da comunidade. [...] Eu procurei e não encontrei nenhuma referência a estudos acadêmicos; nada escrito por especialistas qualificados; nada que tenha base e evidência na ciência. Ninguém qualificado falando sobre problemas hormonais, por exemplo. Quando se tem um desequilíbrio hormonal, não se tem interesse em sexo. (terapeuta sexual, *The Montel Williams Show*)

Esta fala pode ser o exemplo mais claro da legitimação do discurso dos especialistas sobre o conhecimento produzido pelos sujeitos em questão. No caso dos assexuais, vale lembrar que o fator que os impulsionou à produção de conhecimento nas comunidades, a partir da troca de experiências, foi o fato de a ciência, de modo geral, não conceber a falta de desejo sexual fora da perspectiva da patologia. O conhecimento produzido pela AVEN tem base empírica, mas isso não deveria ser usado como justificativa para desacreditar este conhecimento. A terapeuta prossegue, relacionando

os profissionais da área médica que têm legitimidade para falar de sexualidade, portanto, da assexualidade:

O problema é que as pessoas podem chegar à sua comunidade e pensar que encontraram seu lugar. [...] [As pessoas] precisam de informação de especialistas: psiquiatras, psicólogos, terapeutas sexuais, endocrinologistas, urologistas. (terapeuta sexual, *The Montel Williams Show*)

Ao enumerar os profissionais que têm legitimidade para falar de sexualidade, todos do campo da medicina e psicologia, a terapeuta sugere que a sexualidade reside no corpo biológico, portanto, somente profissionais da saúde estão qualificados para falar sobre ela. Apesar da tradicional dose de sensacionalismo e dramatização presentes nesses programas, para fins de audiência, percebe-se que não é dado o mesmo espaço para entrevistados e especialistas. A palavra do especialista, em geral, o médico ou o psicólogo, parece ter mais destaque e legitimidade do que as falas dos assexuais. Somente dois profissionais mostraram uma opinião menos inflamada sobre a assexualidade:

Eles podem ter excitação fisiológica, como lubrificação vaginal ou ereção, mas não estabelecem relação dessa excitação com atividade sexual com parceiros. (psicólogo e pesquisador da assexualidade, *20/20*)

“Quando se pensa na sexualidade no modelo de curva do sino, algumas pessoas vão sentir mais desejo, outras, menos, outras, nenhum. Estudos desde os anos 1980 mostram que 1% das pessoas não sente desejo sexual. O importante é ressaltar que no celibato, a pessoa sente o desejo, mas escolhe não fazer sexo. Perda de desejo é quando a pessoa sentia desejo antes, mas por causa do medo, trauma ou estupro, fechou-se para o sexo. 1% das pessoas (2 milhões nos Estados Unidos), afirma nunca ter sentido desejo. Se você nunca sentiu, não faz falta, se é feliz assim...” (Dayside, psicóloga)

A fala da psicóloga do *Dayside* não desqualifica a assexualidade como orientação sexual, nem a patologiza, apesar de buscar subsídios em padrões estatísticos de normalidade. Falando a partir da estatística, a psicóloga mostra que o desejo sexual é variável, não havendo um nível saudável ou recomendável de desejo que normalize as condutas, desde que o indivíduo se sinta bem com o nível de desejo que lhe cabe. A explicação do psicólogo que pesquisa a assexualidade, exibida no *20/20*, também se mostra descritiva, sem julgamentos essencialistas, embora recorra à dimensão biológica da sexualidade para descrever a experiência assexual.

A principal conclusão extraída desta análise é que a maioria das terapeutas sexuais desses programas não mostra esforço em compreender a assexualidade a partir das experiências relatadas pelos assexuais presentes aos programas, mostrando uma

preocupação maior em diagnosticar falta de desejo a partir do conhecimento médico. Talvez seja necessária a criação de novos paradigmas para a compreensão da assexualidade do modo como esta tem sido apresentada pelos assexuais nas comunidades. Esses novos paradigmas podem ajudar na compreensão mais ampla da sexualidade como um todo, sobretudo questões relativas ao desejo e orientação sexual.

### **Considerações finais**

Como conseqüência do processo de medicalização da sexualidade, a falta de desejo sexual tem sido historicamente tratada pela ciência, sobretudo pela medicina e pela psicologia, como um transtorno que necessariamente requer tratamento e cura. Com a recente visibilidade de grupos que se identificam como assexuais, reivindicando o *status* de orientação sexual para sua falta de interesse pelo sexo, novos desafios se colocam para o estudo da diversidade sexual humana.

A escassez de pesquisas científicas sobre a assexualidade ainda constitui um obstáculo para que médicos, terapeutas sexuais e psicólogos lancem novos olhares para a falta de desejo sexual. Por outro lado, o discurso médico biologizante e essencialista ainda é muito presente nas concepções de sexualidade, o que pôde ser percebido nas falas das terapeutas entrevistadas nos programas televisivos discutidos.

Estas terapeutas sexuais mostram muita cautela em aceitar a existência de uma orientação sexual cuja principal característica é a falta de desejo pela atividade sexual. Fica uma proposta subjacente para que a falta de desejo seja primeiramente investigada e tratada a partir da medicina e da psicologia; todas as possibilidades de transtorno devem ser descartadas antes que a falta de desejo seja “diagnosticada” como assexualidade. Certamente essas profissionais não teriam a mesma atitude em relação à heterossexualidade, ou mesmo em relação à homossexualidade.

Os discursos médicos sobre a sexualidade são extremamente fundamentados na crença do desejo sexual universal e na premissa de que o corpo biológico constitui o *locus* privilegiado da sexualidade. Portanto, não há por parte dos profissionais da área médica, de um modo geral, uma preocupação em analisar a sexualidade e o corpo como

construções sociais, históricas e culturais, que se materializam de formas complexas e diversas em diferentes contextos.

A produção de conhecimentos sobre sexualidade deve ser multidisciplinar e interdisciplinar. Biologia, medicina e psicologia certamente têm muito a contribuir, mas outros campos do conhecimento devem ser evocados: as ciências sociais, as ciências da educação, os estudos feministas, as ciências jurídicas, entre outros. Somente a partir desse olhar múltiplo, diverso e colaborativo sobre a sexualidade humana será possível lançar alguma luz sobre tema tão complexo e multifacetado.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**BEDLEY**, Crystal. (A)Sexuality: challenging what it means to be asexual. Paper presented at the American Sociological Association Annual Meeting, Hilton, San Francisco, CA, Aug/08/2009. Disponível em: [http://www.allacademic.com/meta/p309698\\_index.html](http://www.allacademic.com/meta/p309698_index.html) , acesso em junho de 2010

**BOGAERT**, Anthony F. Asexuality: prevalence and associated factors in a national probability sample. **The Journal of Sex Research**, 2004, volume 41, number 3, p. 279-287

**BOGAERT**, Anthony F. Toward a conceptual understanding of asexuality. **Review of General Psychology**, 2006, Vol. 10, No. 3, p. 241-250

**BOGAERT**, Anthony F. Asexuality: dysfunction or variation? In: **CARROLL**, J.M.; **ALENA**, M. K. (org). **Psychological Sexual Dysfunctions**. New York: Nova Biomedical Books, 2008, p. 9-13

**BROTTO**, L. A.; **KNUDSON**, G.; **INSKIP**, J.; **RHODES**, K.; **ERSKINE**, Y. Asexuality: a mixed methods approach. **Arch Sex Behav**, 2010, 39:599-618

**CARRIGAN**, M. There's more to life than sex? Difference and commonality within the asexual community. **Sexualities**, 2011, 4(4), p. 426-478

**CONRAD**, Peter. Medicalization and Social Control. **Annual Review of Sociology**, 1992, Vol. 18:209-232

**FAHS**, Breanne. Radical refusals: on the anarchist politics of women choosing asexuality. **Sexualities**, 2010, 13(4), p. 445-461

**KIM**, Eunjung. How much sex is healthy? The pleasures of asexuality. In: **METZL**, J. M.; **KIRKLAND**, A.(org) **Against health: how health became the new morality**. New York: New York University Press, 2010, p. 157-169

**KIM**, E. Asexuality in disability narratives. **Sexualities**, 2011, 4(4), p. 479-493

**MUNÁRRIZ**, Luis Álvares. La identidad sexual. *Gazeta de Antropologia* no. 26/2, 2010, Artigo 40, Version PDF, disponível em <HTTP://hdl.handle.net/10481/6777> , acesso em julho de 2011

**PRAUSE, N. GRAHAM, C. A.** Asexuality: classification and characterization. **Arch Sex Behav**, 2007, Nr. 36, p. 341-35

**PRZYBYLO**, Ela. Crisis and safety: the asexual in sexusociety. **Sexualities**, 2008, 14(4) p. 444-461

**ROHDEN**, Fabíola. Diferenças de gênero e medicalização da sexualidade na criação do diagnóstico das disfunções sexuais. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 17(1): 296, janeiro-abril/2009, p. 89-109

**RUBIN**, Gayle. Thinking sex: notes for a radical theory of politics of sexuality. In: **Culture, Society and Sexuality**. London: University College, 1999

**SÁ JÚNIOR**, L. S. M. **Desconstruindo a definição de saúde**. *Jornal do Conselho Federal de Medicina*, jul/ago/set/2004, p. 15-16. Disponível em <http://www.unifesp.br/dis/pg/Def-Saude>, acesso em 27/06/2005

**SCHERRER**, K. S. Coming to an asexual identity: negotiating identity, negotiating desire. **Sexualities**, 2008; Vol 11(5), p. 621–641

**SCHERRER, K. S.** (2010) What asexuality contributes to the same-sex marriage discussion? **Journal of Gay & Lesbian Social Services**, 2010, Volume 22, Issue 1 & 2, p. 56–73

**WEEKS, J.** O corpo e a sexualidade. In: **LOURO, G. L.** (org.) **O corpo educado-pedagogias das sexualidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 35-82

**AVEN – ASEXUAL VISIBILITY AND EDUCATION NETWORK**, disponível em [www.asexuality.org](http://www.asexuality.org), consultas feitas em junho de 2011